

A presença da ausência do pai no desenvolvimento “*rumo à independência*”

Eneida Iankilevich¹, Porto Alegre

Uma vivência clínica remete a um conceito teórico de Winnicott que dá significado a esta vivência e esclarece o conceito. É desta experiência que trata o presente trabalho. O encontro analítico com pacientes homens fez a autora pensar na importância do pai para os filhos ao longo da vida. Não apenas o pai real, ou o pai edípico que se desdobra no pai superegótico, ou o pai como figura de identificação, mas a relação com o pai em todas as suas dimensões, fator de construção da identidade. Sem desconsiderar ser esta relação essencial para filhos e filhas, a autora reflete sobre a relação dos filhos homens com os pais, a partir do trabalho com analisandos que não contaram com a possibilidade de crescer tendo os pais presentes. Estas experiências psicanalíticas evidenciaram a importância de tornar-se adulto junto ao pai que envelhece. Este acompanhar-se na vida leva a questionar o mito infantil de pai, modificando a identificação com este mito infantil como ideal de si mesmo. A oportunidade de reconhecer o pai como um indivíduo que constrói sua história, o reconhecimento de estar construindo uma outra história, própria, possibilita ao filho –e ao pai– o compartilhamento de vivências em uma relação mais realista ao longo da vida. Isto humaniza esta relação, interna e externa, tornando possível usufruir da amizade oriunda da rivalidade masculina, de que fala Winnicott. A conquista da independência que possibilita esta amizade é acontecimento de toda a vida, como ensina este autor e as reflexões a partir das vivências clínicas aqui esboçadas.

¹ Médica psiquiatra da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Psicanalista da infância e adolescência e membro efetivo em funções didáticas da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Eneida Iankilevich

Palavras-chaves: Pai; Desenvolvimento; Construção de identidade; Diferenciação; Winnicott

“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida...” (Moraes & Powell, 1962, Samba da bênção)

I.

Ao longo destes já mais de trinta anos de psicanálise, em todas as suas posições, fui adquirindo uma noção de ser a teoria um continente com que contamos no impactante trabalho clínico. Sei que nesta concepção apenas redescubro a tradição, o modelo que nos foi legado por Freud. E encontro em Ogden (2009), em seu trabalho sobre o tema, um lugar para esta minha síntese pessoal. No texto *Redescobrimo a psicanálise*, este autor diz ter-se inspirado numa afirmação de Freud nas Conferências Introdutórias de 1916-1917, quando nosso fundador diz não pretender nos contar sobre a psicanálise como método terapêutico, mas sim insistir em que descobramos isso por nós mesmos. Segundo Ogden (2009) “que maneira melhor de ser introduzido à psicanálise do que por um convite não a ser ensinado, mas a descobrir?” (p. 1, tradução livre). Penso ser esta a meta maior de nosso trabalho: não ensinar, mas ajudar o analisando a descobrir por si mesmo. Talvez o mais difícil, também. Não apenas vamos descobrimo a psicanálise ao sermos analisandos e analistas, mas vamos aprendendo e construindo a teoria que sustentará nossa prática e irá por ela sendo modificada ao longo do caminho.

Em 2006, Canestri, Bohleber, Denis e Fonagy propõem a existência de uma teoria implícita, pré-consciente, do analista, que o guia em sua prática. Desde que li este trabalho a concepção apresentada fez todo o sentido para mim. Percebo que meu entendimento e minhas intervenções são construídas a partir de uma escuta orientada por esta teoria implícita a que não tenho total acesso e que atribui significado ao vivenciado no campo a cada momento. Tenho pensado que minha teoria implícita é construída de fragmentos do que estudo ao longo dos anos naquilo que mais fez sentido para mim, articulados por minha experiência clínica e pessoal. Daí minha preocupação, ao estudar e coordenar seminários, em procurar entender o que cada autor diz, em sua própria teoria.

Ao reler o que escrevi, por exemplo, me vem imediatamente à mente o ensinado por Etchegoyen (1987) em seu livro de técnica: uma interpretação é

sempre uma hipótese de trabalho a ser testada com o paciente. Interessante que nem saberia dizer onde está isto no livro, mas é um ensinamento que me guia há tantos anos que se tornou um eixo de minha prática. Acredito que deste apoderamento de aspectos das teorias dos autores que estudo e da articulação pessoal que vou dando a isto vai acontecendo a psicanalista que sou e que inevitavelmente vai continuar em construção, espero. Mezan (2014), no livro *O tronco e os ramos*, propõe serem as assim chamadas escolas psicanalíticas derivadas da leitura preferencial de alguns textos de Freud e dos desenvolvimentos oriundos desta escolha. Penso que esta proposta fala, em relação à história da psicanálise, de um acontecer percebido também em cada psicanalista, construindo o que Canestri e colegas consideram ser sua teoria implícita.

As reflexões que constroem este trabalho procuram dar palavras a um encontro fertilizador entre o impacto desencadeado por um fato (como passei a considerar) que chamava minha atenção no trabalho clínico e uma teorização de Winnicott que sempre me fizera pensar. E aos desdobramentos e aprendizagem resultantes desta vivência. Algo da construção de um aspecto de minha teoria implícita que eu posso perceber *a posteriori*, talvez?

II.

O trabalho psicanalítico com homens de todas as idades foi tornando para mim como que uma evidência a importância do pai para o filho homem, independentemente do momento de vida. Esta escuta que se foi impondo como evidência é o fato ao qual me referi. O que poderia ser considerado óbvio, por ser central na psicanálise desde Freud, fui percebendo como algo com dimensões que ainda assim me pareciam novas, como que uma descoberta que me intrigava e eu queria compreender. Mesmo sentindo ser capaz de tecer considerações a partir da teoria psicanalítica que conhecia, o que percebia no encontro clínico com analisandos homens me parecia ir além disto. Penso que a vivência privilegiada destes encontros analíticos me possibilitava acessar a poderosa emoção deste acontecimento que eu sabia já descrito desde nosso fundador. Mas foi ficando mais claro sentir-me impactada pela importância do pai como pessoa, do encontro humano entre aquele homem filho e aquele homem pai, não só o pai do complexo de Édipo ou o pai-falo de que muitas vezes me parece tratar a teoria. E da centralidade desta relação no desenvolvimento da construção da identidade, do “eu sou” de Winnicott (1965 [1962]/1983, p. 60), ao longo da vida. Este autor, cuja leitura pode parecer enganosamente fácil, para mim é essencial no que ensina

Eneida Iankilevich

sobre a complexidade da luta do ser humano por tornar-se um indivíduo. Penso ser justamente isto que tornava este o autor que mais me vinha à mente à medida que crescia meu interesse por compreender esta minha vivência na análise de pacientes homens.

Refletindo sobre esta questão, fui me dando conta de estar às voltas com aquela conceitualização de Winnicott (1960/1982), uma das que este autor constrói sobre o desenvolvimento do indivíduo, na qual descreve, na fase do *holding*, o movimento desde a dependência absoluta, passando pela dependência relativa, até o “rumo à independência” (p. 45), que dura o resto da vida, afirma. Winnicott enfatiza o papel do meio neste crescimento. O que pode levar a algumas leituras que simplificam o que me parece uma concepção altamente complexa. O autor considera o ambiente facilitador formado por “pessoas reais, que integram e mantêm o ambiente total, possibilitando que aí aconteçam experiências que efetivamente contam, para o bebê, como experiências reais” (Rosa, 2009, p. 57). Esta autora sustenta que, sem descuidar do “jogo de representações referidas a conflitos internos vividos pelo bebê” (p. 57), Winnicott considera a existência real dos pais e do pai, em sua descrição da fase edípica, como possibilitadora da vida de fantasia do filho, na medida em que sobrevive a esta, mantendo o colo que acolhe. O que fui (re)aprendendo com estes analisandos foi que a cada passo do desenvolvimento a presença real do pai é decisiva.

Em 2013, Haydée Faimberg publicou um trabalho intitulado *The “as-yet situation” in Winnicott’s “fragment of an analysis”: your father “never did you the honor of”... yet*. É um texto em que Faimberg propõe estar este autor, já em 1955, “criando a função paterna no funcionamento psíquico de seu paciente ao implicitamente ligar suas interpretações relacionadas ao pai ao conceito freudiano de *nachträglichkeit*” (p. 849, tradução livre). A autora discute a noção de temporalidade em Winnicott ao estudar detidamente suas interpretações no caso descrito em *Fragments*. O que me interessa aqui é o destaque dado por ela à importância atribuída à presença de um pai que interage com o filho, *honrando-o* ao considerá-lo um rival edípico. Aqui, a ênfase é no pai edípico, que proíbe o incesto. De tudo o que este rico trabalho de Faimberg tem a dizer, de sua leitura deste outro autor, serviu muito para mim uma concepção da necessidade da presença de um pai ao longo do desenvolvimento também para, nas palavras de Winnicott, “usufruir da rivalidade e da amizade que surge desta rivalidade com os homens” (p. 861, tradução livre).

Acredito que Faimberg tornou possível para mim compreender que me interessava, no encontro com os pacientes, esta amizade tão essencial. E me fez

perceber que minhas indagações também derivavam do contraste entre pais-filhos que *estavam lá* e pais que não estavam, implicando filhos que não podiam estar.

III.

“Vais me dizer que meus pais não vão me dar independência, que eu mesmo vou ter que conquistar isso?!?!?!?” Esta exclamação, aparentemente jocosa, de um inteligente paciente adolescente tem sido fonte de muitas reflexões para mim. A forma utilizada, como se fosse uma brincadeira engraçada apenas, pareceu-me, já naquele momento, demonstrar o impacto da constatação renovada do quanto a tarefa de nos constituirmos sujeitos é solitária e ocupa toda a nossa existência. Um trabalho privado que acontece na e através das fronteiras com o outro. E exige a presença de um outro.

A fala do jovem me fez pensar nos diferentes graus de conscientização disto ao longo do crescimento. Penso que a surpresa dramatizada expressa uma surpresa real, adequada ao momento da adolescência, com toda a reordenação narcísica e do lugar na sociedade que deve acontecer. O tom irônico da exclamação faz pensar na percepção da desilusão necessária e essencial dos pais da infância, com o inevitável trabalho de luto exigido. Luto que reativa a vivência original de desamparo, ao impor a noção de que os recursos a serem utilizados na tarefa agora são apenas os próprios, com todo o temor que isto traz, talvez especialmente nesta fase. Luto que implica a existência e reconhecimento de um outro conhecido e perdido, mesmo que em alguma dimensão. E as defesas de que lança mão o indivíduo para vivê-lo. O humor, como já ensinava Freud, fala de um “Super-Eu que fala de modo carinhoso e consolador ao Eu amedrontado”, não contradizendo, assim, “sua procedência da instância parental” (1927/2014, p. 330). A complexidade das relações pai-filho também podem ser escutadas nesta bela colocação freudiana.

Pensei, ao ouvir este jovem analisando, e penso ainda, que ele se surpreendia com a constatação de fronteiras que constroem a individualidade e tornam possível, ao mesmo tempo, a noção da existência de laços, relações com estes outros que não nos dão tudo e importam tanto. Relações que também nos fazem reconhecer nossa individualidade no encontro com sua alteridade. E a necessidade deste encontro, em suas diferentes modalidades, ao longo da vida. Fenômeno complexo e inextricável que a exclamação-constatação deste jovem apresenta em sua enganadora obviedade.

O impacto do reconhecimento de o processo de tornar-se um indivíduo ser responsabilidade pessoal aparece na exclamação de meu jovem paciente. O estilo jocoso, acredito, é uma tentativa de amenizar este impacto, o qual impõe

Eneida Iankilevich

uma vivência renovada de desamparo, agora num ser humano mais capacitado física e mentalmente. Este acontecimento na sessão evidenciou uma reflexão que o trabalho analítico com pessoas de várias idades tem despertado em mim: a de ser o desenvolvimento psíquico algo que está sempre acontecendo, produzindo transformações e aprendizado. O que, seguindo Winnicott, é o que possibilita a mudança psíquica gerada pela psicanálise.

Cabe destacar que podemos perceber o quanto o indivíduo se constitui na vivência com ambos os pais. O lugar da mãe, do casal que os pais são, da família, tem sido devidamente enfatizado e estudado e não pretendo desconsiderar isso aqui. No entanto, o vértice que me proponho a pensar diz respeito à relação específica do filho com o pai, relação que acontece independentemente do vínculo deste com a mãe.

IV.

A vivência analítica com pacientes adultos que não tiveram o pai com eles ao longo da vida me ensinou sobre as vicissitudes deste desenvolvimento *rumo à independência* de que fala Winnicott (1960/1982). A ausência da possibilidade deste encontro e suas repercussões é o que pretendo trazer para esta reflexão, através de vinhetas do trabalho analítico com dois analisandos adultos.

Antônio, um homem no final dos 40 anos, muito bem-sucedido profissionalmente, o que lhe proporcionava uma vida financeira confortável, procurou análise por um sentimento geral de insatisfação, infelicidade, para o qual não via justificativa. Contava ser casado por amor e pai de um casal de filhos saudáveis com quem se sentia “muito feliz”. Professor de uma universidade federal, era um pesquisador reconhecido em sua área, tendo feito muitas viagens ao exterior para mestrado, doutorado e, recentemente, pós-doutorado. Retornara há alguns meses deste período de “pós-doc”, como chamava, com uma possibilidade de levar adiante uma pesquisa multifocal da qual seria o coordenador local. Este projeto lhe traria grande visibilidade e aconteceria dentro de sua área de interesse, tendo Antonio sido criador do projeto juntamente com os professores com quem trabalhara no exterior. Dizia que o natural seria estar satisfeito, entusiasmado, como costumava ficar diante de novos projetos de pesquisa, especialmente porque este ele mesmo coordenaria. Mas acontecia o oposto: sentia-se desmotivado, e não só em relação a esta pesquisa. O desânimo expandira-se para todas as áreas de sua vida. Procurou tratamento quando percebeu este desânimo na relação com os filhos, especialmente com o menino de 12 anos, o mais velho, com quem

costumava jogar futebol, ir a jogos no campo do time de ambos. Costumavam ser momentos de grande proximidade e que lhe davam muito prazer. Quando percebeu não estar mais querendo viver estes momentos com o filho, procurou um amigo médico que lhe sugeriu tratamento analítico.

Descrrevendo e pensando a situação que vivia, pareceu-lhe estar assim desde a volta do pós-doc. Voltara, aliás, um pouco antes do que tinha planejado, acha que por decepção com o que lá encontrara. Voltara ao local de seu doutorado, pensando que trabalharia com seu orientador, com quem estabelecera uma relação muito próxima. As combinações todas tinham sido feitas com ele. Ao chegar lá, porém, foi designado para um departamento “certamente mais indicado para o que fora pesquisar, mas não aquele do orientador”. Não conseguia entender bem sua incomodação com isto, pois certamente era o local que estudava sua questão de pesquisa. O problema lhe parecia ser o clima bem menos “familiar” neste lugar. E o prof. John, seu orientador do doutorado, não estava lá. Percebeu que a maior motivação para o pós-doc fora estar com o prof. John, um homem mais velho, muito respeitado internacionalmente na profissão que ambos compartilhavam e com quem chegara a ter uma convivência íntima, inclusive entre famílias, nos anos do doutorado. Foram aparecendo expectativas de ter neste professor alguém com quem pudesse conversar; buscar orientações não só profissionais. “Não é que tenha me sentido rejeitado”, diz, “mas ele me fazia sentir que tinha condições, que podia fazer diferença no estudo da questão que pesquisávamos. Neste outro departamento não foi assim, até tive que lutar para ser ouvido, ninguém era amigo, a competição imperava. Não é que não houvesse lugar para mim, mas ali eu era estrangeiro. O prof. John comentou casualmente comigo, numa ocasião em que nos encontramos, se eu percebia a diferença de clima entre os departamentos, sem muita preocupação, acho até que por sabermos que o indicado para minha pesquisa era aquele local. Quando decidi vir embora, tive a surpresa de receber da coordenadora, uma mulher fria e distante, o convite para estender meu projeto a multi-focal, de forma que eles também estudassem lá este aspecto da questão que eu vinha enfocando e continuaria no Brasil. Publicaríamos em conjunto, o que para mim é muito importante. O prof. John também vai participar, mas nada muda meu desânimo”.

Antônio falou muitas vezes de ter sido a preocupação em perder a força da ligação com o filho o desencadeante da procura de ajuda. Temia que o menino se sentisse rejeitado. A formulação da hipótese de temer que o filho vivesse com ele o mesmo que ele vivia em relação ao prof. John mudou sua postura na análise: antes hesitante, com muitas pausas, agora seu discurso tornou-se vibrante, tocante na dor que passou a ser vivida nas sessões. Descreveu ter sempre sido o aluno

Eneida Iankilevich

preferido de algum professor importante, mesmo no colégio. Na faculdade isto ficou ainda mais forte. Se, por um lado, estas aproximações lhe trouxessem boas oportunidades acadêmicas, por outro ficava muito “dependente” da aprovação do professor, muito atento aos menores sinais de não ser o preferido. Sentia constantemente estar à beira de ser “desmascarado”. Sua capacidade, a seu ver, era uma fraude. Mesmo sempre entre os melhores alunos da turma, senão o melhor, seguia convencido de não ter valor. Estudava muito além do exigido, mas nada mudava sua vivência de inconsistência. Estas relações com os professores, sempre mais velhos e importantes no meio, eram relatadas com paixão, fazendo pensar, em alguns momentos, em fantasias de submissão, inclusive masoquistas, sobre as quais não parecia ter noção consciente. Percebia apenas o prazer quando elogiado, ou convidado a participar de algum trabalho com o professor, e a intensa angústia caso isso não acontecesse.

Pensando sua dor ao imaginar o filho sentindo algo próximo do que descrevia sentir, apareceu um dado de sua história que até então não fora relatado: o pai morrera antes de Antônio nascer. O impacto da ausência deste dado entre nós foi transformador. Filho caçula de uma família profundamente enlutada quando de seu nascimento, a morte do pai raramente era comentada. Encontrando, já adulto, uma foto do pai entre os pertences da mãe, que nunca fez a vida amorosa, percebeu uma grande semelhança física com ele. Pela primeira vez, ao que lembre, questionou a mãe sobre o pai, recebendo a confirmação de ser o mais parecido com o pai dentre os quatro irmãos, todos homens.

Antônio buscava nos homens mais velhos um olhar que o designasse. O lugar em que se colocava, de passividade e submissão, fala da busca por algo não conhecido, mas desesperadamente necessário. Deu-se conta desta aguda necessidade ao aproximarmos seu temor de o filho sentir-se não importante a seus sentimentos ao não ficar no departamento do dr. John. Da análise destas questões foi dando sentido à sensação de não terem valor suas realizações, mesmo aquelas inequívocas, reconhecidas por todos. Sempre lhe parecia “pouco” diante do que poderia/deveria ter atingido. Contou que a esposa, colegas e amigos estranhavam esta sua impossibilidade de reconhecer o valor do próprio trabalho. Perdia sempre na comparação com um ideal inatingível com o qual estava identificado. Um ideal inquestionável, aprendemos ao longo do processo analítico, que não admitia alterações. Ideal que impunha uma noção de si mesmo sempre inferiorizada.

Ante um pai que não conhecera, de quem não pudera falar, que não o honrara rivalizando com ele ou sequer estando com ele, criara uma fantasia de não ter valor para merecê-lo. Perguntou-se, ao longo de nosso trabalho, se imaginara que o pai não ficara vivo porque o destruíra, ou por ser uma decepção para ele.

Estas indagações, muitas vezes forçadas ou intelectualizadas (passou a ler sobre psicanálise, matéria muito distante de sua profissão), mostraram ser essenciais para sua aproximação da realidade da ausência do pai, agravada pela impossibilidade de falar sobre ele, saber dele, em virtude do luto não elaborado também na família. Foi sendo possível reconhecer a existência de um pai objeto interno perfeito, diante do qual tudo que fazia tornava-se de muito pouco valor. Um pai que não podia assassinar sequer em fantasia por já tê-lo feito na realidade factual, um crime pelo qual deveria sempre pagar, pois reafirmado a cada momento, na ausência mas também no encontro com o luto familiar. Hipóteses como estas foram tornando presença a ausência do pai em sua vida, ressignificando muitas vivências. E nos ensinando por esta via a importância das vivências compartilhadas que vão possibilitando humanizar as figuras de identificação que são os pais da infância. E, com isso, reordenando a concepção de si mesmo. Foi emocionante aprender esta verdade através da preocupação tão importante com o filho, para quem se sentia menos disponível, “justamente quando está crescendo e podendo estar de outro jeito no campo [de futebol] comigo”. A percepção da necessidade de estar com os filhos, as intensas emoções vividas especialmente no momento de vida do mais velho, que agora o questionava constantemente, querendo sempre *ganhar no jogo*, seu prazer e perturbação diante destes desafios, as fortes e contraditórias emoções quando perdia para o menino, o orgulho que também sentia dele, nos ensinaram a possibilidade de fazer diferente. E se descobrir como indivíduo neste percurso. Capaz de crescer com a experiência. De elaborar de alguma maneira o luto pelo que nunca tivera na vivência do embate com o filho que queria – e podia – utilizar-se dele para descobrir sua própria força. Contando com ele que estaria lá para o próximo confronto, para o prazer do enfrentamento.

V.

“Isto não se discute. É a ética que meu pai me passou. É minha cláusula pétrea”, disse-me Murilo, um homem de quase 70 anos, em uma sessão próxima das férias de verão. Também insistia em que eu propusesse “temas para pensar” durante este período “em que não estarás”, pois estava muito interessado em “mudar algumas coisas de que vinha se dando conta na análise”. Pudemos formular a hipótese de ele sentir, de alguma forma, que não iria “existir” na minha ausência. Como a ética que prezava tanto e não sentia ser sua, mas do pai. Juntos podíamos “escutar o barulho” de como se pensava, do lugar que se dava. O tema era recorrente neste processo analítico que se iniciara pelos

Eneida Iankilevich

constantemente conflitos vividos na empresa iniciada pelo pai onde agora trabalhava também seu filho. Era-lhe muito difícil admitir que as propostas deste para mudanças na firma eram consistentes e promotoras de progresso. O que mais estranhava era reconhecer, do ponto de vista profissional, a adequação das sugestões, mas não sentir-se capaz de deixar o filho saber disto. Contra tudo o que entendia cognitiva, racionalmente, parecia-lhe essencial apresentar ao filho, Marcelo, uma defesa do que vinha sendo feito como única possibilidade. Marcelo insistia serem necessárias mudanças para a empresa crescer. Concordava com ele, sabia, mas um sentimento de ser desprezado pelo filho o cegava, dizia. Esta situação, seu reconhecimento de não conseguir agir de acordo com seu conhecimento técnico e a dor pelas constantes brigas com Marcelo foram a motivação para procurar psicanálise.

Homem inteligente, com formação profissional de excelência, convidado frequentemente a palestrar sobre sua especialidade, não conseguia fazer sua empresa prosperar. Seguiu a mesma profissão “do pai, como o filho a dele”. A empresa que presidia fora fundada pelo pai e tinha sido considerada inovadora e “ainda hoje é referida como tendo aberto uma outra área de trabalho dentro da profissão”. Temia que os constantes enfrentamentos entre ele e seu filho levassem a firma à falência.

Murilo tinha 22 anos quando o pai, subitamente, falecera. Ainda estava terminando a faculdade, mas na condição de filho mais velho e seguindo a carreira do pai, fora designado pela mãe a levar em frente a empresa fundada pelo progenitor. Sentia muito orgulho do pai, especialmente na faculdade, onde era com frequência indagado pelos professores, quando viam seu sobrenome, qual o parentesco com ele. Mas o convívio, descrevia, era muito difícil. Sendo o pai uma pessoa altamente qualificada, dedicada a seus projetos, falava pouco com os filhos, em geral para exigir comportamento e aplicação aos estudos. Pouco antes da morte dele, havia começado uma aproximação diferente entre ambos, o pai interessando-se por seus estudos e projetos, o que antes nunca acontecera. Quando a mãe perguntou se queria presidir a empresa, sentiu que poderia fazer algo que orgulharia o pai. Desde então tem procurado seguir o que lhe parecem ser “as coordenadas” do pai. Ver o filho, que entrou na empresa quando se formou ir galgando posições por merecimento, pois as promoções ficam a cargo do conselho, não apenas dele, tem sido motivo de orgulho e de emoções complexas, que não consegue entender e contribuem para os conflitos descritos. O menino que o seguia aonde fosse, que o consultava até sobre assuntos íntimos e costumava guiar-se por suas opiniões, tornara-se um adulto, um colega questionador, defendendo com

força as próprias posições. Marcelo, conta o pai, começou a querer “mexer nas coordenadas da empresa”. Foi sendo possível analisar no que esta possibilidade do filho de romper com os padrões que sentia impostos atingia Murilo. “Eu não pude fazer isso, era como se perdesse minha relação com o pai”, surpreendeu-se dizendo.

Dentre os múltiplos vértices de compreensão possíveis, a constante comparação inconsciente com um rival invencível, a quem é atribuída a capacidade de construir uma empresa que nada abala é o que gostaria de examinar. Como em Antônio, o contraste criado entre a vivência de um pai absoluto que não está presente e a relação com o filho que cresce e questiona, que fala a um pai que está com ele, que vive as decepções da perda do pai da infância na vigência de um pai que continua lá, é o que me parece esclarecedor.

Tanto Antônio quanto Murilo procuraram análise motivados por conflitos com os filhos, pelo temor de perdê-los. Ambos foram percebendo sua importância para os filhos justamente pela força com que estes os desafiavam, os questionavam, mas os buscavam para o confronto. Em ambos, o impacto deste embate tão vivo tornou possível pensar a natureza de sua relação com o próprio pai, que faltara. Em Antonio, absolutamente. A ausência do pai fora presença em sua vida. Aprendemos no processo analítico que a construção de si mesmo fora marcada pelo pai que, ao não estar, se tornava absoluto. Murilo vivera com um pai distante mas presente, que morrera na vigência de sua potência adulta acontecer. Um pai tirânico, onipotente, impossível de ser satisfeito dominava sua constituição inconsciente e a noção de si mesmo. Guardadas as especificidades de cada um e as inevitáveis compreensões edípicas, os dois estavam vivendo, na experiência com os filhos, o que lhes faltara: a dimensão humana do pai. Agora em outro lugar na relação pai-filho, acredito que vieram, ambos, buscar aprender com os filhos o que é ter o pai vivo, presente no decorrer da vida. Acredito que Antônio e Murilo tiveram a percepção inconsciente de seu aprisionamento, de suas limitações em função da impossibilidade de viver o que percebiam os filhos vivendo: a construção da amizade masculina com o pai, de que fala Winnicott.

Do muito que acontece em cada processo psicanalítico, emocionou-me acompanhar Antônio e Murilo encontrando na relação com os filhos uma satisfação que não puderam ter com os próprios pais. Ser questionados, desafiados, ameaçados pelos filhos possibilitou modificação em suas relações internas, no seu *eu sou*.

Eneida Iankilevich

VI.

Um jovem de 16 anos, no último ano do ensino médio, prestes a deixar a escola em que sempre estudara, conta com forte emoção um acontecimento de seu dia: estava parado com alguns amigos, no pátio, quando notou um aluno pequeno, do primeiro grau, olhando-os fixamente. Pareceu-lhe que o menino os olhava como ele lembrou olhar os guris do último ano, os “grandes”. Pensava “bá, estes caras são uns portas!”. Ao perceber esta expressão no olhar do menino, pensou estar este enganado, pois não era um “porta”. A análise desta vivência nos fez pensar que ele não se reconhecia como o grande, o “porta”. Onde poderia ter corrigido sua impressão infantil, percebendo que se tornara um grande para aquele aluno pequeno, portanto os grandes não eram “portas” como os pequenos acham, acontecera o contrário. Estava convencido de que os “grandes” de sua infância eram efetivamente “portas”, ele que não conseguira ser.

Um analisando de quase 30 anos de idade conta, na sessão, ter conquistado a promoção que desejava no trabalho, tendo recebido muitos elogios pelo sucesso de um projeto seu. Diz ter ficado muito abalado, triste mesmo, porque lhe parecia não merecida a promoção, pois exigira muito esforço e continuava tendo dívidas a cada passo. “E promoção é coisa de adulto”, acrescentou. Pensando sobre o que trazia, pudemos estranhar sua exclamação, tentar compreendê-la. Apareceu, então, uma impressão que mantinha, de que adultos não têm dívidas. Lembrava de seu pai contando sempre com muita segurança o que decidira fazer ou como resolvera algum dilema no trabalho. Daí que, para ele, ser adulto era não ter dívidas, inseguranças. Portanto, agora que se dizia adulto e num bom momento profissional, não reformulava sua escuta, pensando que talvez o pai também vivesse dificuldades. “Não, eu me penso um mau adulto!”. Este reconhecimento foi muito libertador, sendo útil em toda uma mudança de perspectiva de si mesmo. E da relação com o pai, de quem era bastante próximo. Fez questão de contar para ele esta vivência, e foi uma sessão particularmente intensa aquela em que me contou esta conversa. A força da emoção que se fez presente me fez entender um pouco melhor o valor de poder compartilhar com os pais o crescimento. Para todos os envolvidos.

As duas situações que acabo de descrever também me remetem ao que aprendi no trabalho analítico com Antônio e Murilo. Impedidos de fazer esta transformação dos pais-deuses em pais-homens, estes admiráveis analisando, através da força de sua relação com os próprios filhos, movidos por seu amor por eles, puderam retomar aspectos de si mesmos. Junto a toda a dor e luto pelo que não puderam ter, abriu-se a possibilidade de crescerem, aprenderem de si mesmos

e dos indivíduos que os filhos são. E de aproveitarem com eles o que não puderam aproveitar com seus pais: a construção da amizade que resulta da possibilidade de rivalizar, de que fala Winnicott.

Sabemos que nem todas as histórias são assim, que muitos pais não só não possibilitam este desenvolvimento aos filhos como, ao contrário, o impedem. Penso que as reflexões aqui descritas também ajudam a acreditar que poder diferenciar-se dos pais da infância passa por reconhecer os adultos que eles são, mesmo que isto implique dor. A alternativa pode ser uma anulação da capacidade de pensar por si mesmo, que leva a uma adaptação ao padrão familiar, como em muitos casos de identificação com o agressor que perpetua este padrão que infelizmente conhecemos. Se não há estranhamento, não acontece o questionar-se que pode possibilitar a busca por ajuda psicanalítica.

A conquista da independência, segundo Winnicott, é *em direção à independência*. Interminável. As experiências clínicas que estudei neste trabalho me fazem pensar em outra dimensão da temporalidade, alinhada com este autor. Poder acompanhar-se ao longo da vida é transformador – e confortador – para pais e filhos. Poderem estar juntos desconstruindo o ideal infantil e encontrando o valor em si mesmos e na amizade resultante deste compartilhamento, extrapolando a noção proposta por Winnicott, é um forte antídoto à inevitável solidão do existir. É onde se aprende o amor. □

Abstract

The presence of the father’s absence in the development “towards independence”

The object of the present study is a clinical experience that makes reference to a theoretical concept designed by Winnicott, which gives meaning to such experience and clarifies the concept. The analytical meeting with male patients made the author think about the importance of a father to his children throughout their lives. Not only the actual father, or the Oedipal father, who unfolds into the superegoic father, or the father as a figure of identification, but the relation with the father in all of its dimensions, a factor in the construction of identity. Without leaving such relationship aside, which is essential for sons and daughters, the author reflects about the relationship of sons with their fathers, based on the work with psychoanalyzed patients who did not have the possibility of growing up with present fathers. Such psychoanalytical experiences highlight the importance of becoming an adult along with an aging father. This mutual following through life leads to the questioning of the father childish myth, modifying the identification of

Eneida Iankilevich

such childish myth as an ideal of oneself. The opportunity of acknowledging the father as an individual who builds his story and the recognition of the construction of another story, one's own, allows the son – and the father – to share experiences in a more realistic relationship throughout life. This humanizes this internal and external relationship, making it possible to enjoy the friendship derived from male rivalry, as discussed by Winnicott. The achievement of independence allowed by this friendship is an event that spans through a lifetime, as taught by this author and by the reflections based on the clinical experiences outlined here.

Keywords: Father; Development; Construction of identity; Individuation; Winnicott

Resumen

La presencia de la ausencia del padre en el desarrollo “hacia la independencia”

Una experiencia clínica remite a un concepto teórico de Winnicott, que da sentido a esta experiencia y aclara el concepto. Es de esta experiencia que este trabajo trata. El encuentro analítico con pacientes masculinos hizo que la autora pensara en la importancia del padre para los niños a lo largo de la vida. No solo el padre real, o el padre edípico que se desdobra en el padre superegoico, o el padre como figura de identificación, sino la relación con el padre en todas sus dimensiones, factor de construcción de la identidad. Sin ignorar el hecho de que esta relación es esencial para los hijos e hijas, la autora reflexiona sobre la relación de los hijos varones con los padres, a partir del trabajo con analizando que no tuvieron la posibilidad de crecer con los padres presentes. Estas experiencias psicoanalíticas evidenciaron la importancia de convertirse en adulto junto al padre que envejece. Este acompañarse en la vida lleva a cuestionar el mito infantil del padre, cambiando la identificación con este mito infantil como ideal de sí mismo. La oportunidad de reconocer al padre como un individuo que construye su historia y el reconocimiento de que está construyendo otra historia, la suya, le permite al hijo (y al padre) compartir experiencias en una relación más realista a lo largo de la vida. Esto humaniza esta relación, interna y externa, haciendo posible disfrutar de la amistad oriunda de la rivalidad masculina de la que habla Winnicott. La conquista de la independencia que esta amistad hace posible es un evento de toda la vida, como lo enseña este autor y las reflexiones de las experiencias clínicas descritas aquí.

Palabras clave: Padre; Desarrollo; Construcción de identidad; Diferenciación; Winnicott

Referências

- Canestri, J., Bohleber, W., Denis, P., Fonagy, P. (2006). The map of private (implicit, preconscious) theories in clinical practice. In J. Canestri (Ed.), *Psychoanalysis. From practice to theory* (pp. 29-43). Londres: Wiley. Whurr Series in Psychoanalysis.
- Etchegoyen, R. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Faimberg, H. (2013). The “as-yet situation” in Winnicott’s “fragment of an analysis”: your father “never did you the honor of”...yet. *Psychoanal. Q.*, 82(4), 849-875. doi: 10.1002/j.2167-4086.2013.00062.x
- Freud, S. (2014). O humor. In *Obras completas – Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos* (Vol. 17 – 1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Mezan, R. (2014). *O tronco e os ramos: estudos da história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Moraes, V., & Powell, B. (1962). *Samba da benção* [música]. <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/musica/cancoes/samba-da-bencao>
- Ogden, T.H. (2009). *Rediscovering psychoanalysis: thinking and dreaming, learning and forgetting*. London/ New York: Routledge.
- Rosa, C.D. (2009). O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana*, 11(2), 55-96. Recuperado de < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003 >.
- Winnicott, D.W. (1982). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D.W. (1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trans.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965 [1962])

Recebido em 30/04/2020

Aceito em 10/06/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Ana Cristina Pandolfo**

Eneida Iankilevich

Av. Taquara, 564/206

90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil

eiankilevich@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA